

EDITORIAL

por Natália A. Braz

Em um mundo cada vez mais acelerado que nos impõe obrigações, é exigido que sejamos multifuncionais e alimentemos a individualidade; refletir sobre o tempo é ir na direção contrária.

Ao ler as produções presentes neste novo número da revista, algumas palavras saltaram aos meus olhos: memória, afeto, ancestralidade, tecnologia, reflexão e saúde. E tudo isso não tem relação com o tempo?

É comum escutarmos no nosso dia a dia, de amigos, familiares, conhecidos, colegas de trabalho e até pessoas que conhecemos em uma fila de banco, por exemplo, que o tempo cura tudo, o tempo é o nosso melhor amigo, é o melhor remédio, que o tempo nos torna mais sábios...

O tempo é tão delicado que mal o percebemos no decorrer dos dias, mas somos convocados a prestar atenção nele em momentos que simbolizam a sua passagem, como a virada do ano: “mais um ano se foi”; “já é ano novo, de novo”.

Nesse mundo moderno capitalista, o tempo tem sido o inimigo daqueles que precisam que as 24 horas do dia sejam as mais extensas e produtivas. Essas pessoas sentem que ele está sempre cobrando e dando prazos curtos. No caminho contrário, tem aquelas pessoas que podem ditar sua relação com o tempo: não precisam ser tão produtivas, não precisam se preocupar em ser pontuais no trabalho ou se vão pegar engarrafamento em uma via importante de sua cidade. São aspectos que nem nos damos conta do que realmente são: privilégios.

O tempo também reivindica que nós nos voltemos para os nossos afetos, nossas conexões, nossa ancestralidade. Qual é a última lembrança que você tem com aquele familiar que você ama? Você ainda se lembra daquelas histórias que os mais velhos te contavam? Se lembra quando ficava doente e sua avó preparava um chá com uma erva colhida no quintal para você? Ou ainda aquelas receitas deliciosas que eram feitas todos os domingos? Essas lembranças e saberes que constroem quem somos, às vezes, vão se apagando com tanta correria e individualismo que o capitalismo nos dita. Vão transformando tecnologias ancestrais em simples “conhecimentos primitivos” que atualmente “não devem mais ser usados”. Mas muita gente ainda se lembra de tomar um chazinho de boldo quando o fígado e/ou estômago está ruim.



Contemplação

Fotografia por Edilaine A. R. Pereira

Patos de Minas, agosto de 2024

